

A *Metamorfose*: uma leitura sobre as raízes e os destinos da agressividade à luz da teoria Winnicottiana

Fernanda Esteves Fazzio e Mariana Toledo

Resumo

O artigo propõe uma leitura da obra literária *A metamorfose*, de Franz Kafka, à luz da teoria do psicanalista inglês Donald Winnicott e a partir da perspectiva da psicanálise implicada. Introduz as noções postuladas pelo autor sobre a agressividade e sua relação com a depressão, articulando-as aos simbolismos e artifícios narrativos explorados no livro, bem como ao desenvolvimento do enredo e à construção do personagem principal. Ademais, recorre à teoria do psicanalista húngaro, Sándor Ferenczi, especialmente sua teoria sobre o trauma e seu conceito de identificação com o agressor em articulação com a teoria de Winnicott para complementar as reflexões propostas.

Palavras-chave:

agressividade; Kafka; depressão; literatura e psicanálise.

Abstract

The paper offers a reading of the literary work *The Metamorphosis*, by Franz Kafka, in dialogue with theory of the English psychoanalyst Donald Winnicott and from the perspective of implicit psychoanalysis. It introduces the notions postulated by the author about aggression and its connection with depression, linking them to the symbolisms and narrative devices explored in the book, as well as to the development of the plot and the construction of the main character. In addition, the paper resorts to the theory of Hungarian psychoanalyst Sándor Ferenczi, particularly his theory on trauma and his concept of identification with the aggressor, in conjunction with Winnicott's theory, to complement the proposed reflections.

Keywords:

aggressiveness; Kafka; depression; literature and psychoanalysis.

A Metamorfose: uma leitura sobre as raízes e os destinos da agressividade à luz da teoria Winnicottiana

As boas produções literárias são capazes de refletir, com riqueza simbólica, os aspectos mais profundos da psique humana. É através da leitura dessas obras que conseguimos, muitas vezes, dar forma e palavra a elementos de nossa própria existência que antes encontravam-se cifrados e obscuros. O efeito de *insight* e epifania que uma complexa construção de personagem pode causar no leitor está, muitas vezes, à altura de uma boa interpretação psicanalítica.

A articulação entre produção literária, com sua representação simbólica do universo psíquico, e os conceitos da teoria psicanalítica se apresenta como um interessante caminho de reflexão dialética, em que o pensar sobre um complementa o pensar sobre o outro e, conseqüentemente, sobre o humano. Ao longo da história, alguns autores se destacaram por seu potente olhar criativo na representação da condição humana – caso do escritor tcheco Franz Kafka. As obras kafkianas estabelecem um diálogo constante com as vicissitudes de seu tempo. Kafka pousa seu olhar, irônico e crítico, sobre a modernidade, transformando o mal-estar em vísceras extraídas do corpo. Acompanhando o sofrimento dos sujeitos, testemunha os horrores das guerras, as condições desumanas de trabalho nas fábricas e a condição inóspita das máquinas em relação ao corpo humano, capturando a ausência de uma experiência de tempo e espaço das relações interpessoais, mas uma de suas mais famosas obras, *A metamorfose* (Kafka, 1915), se vale de uma estratégia narrativa peculiar – a transformação de um ser humano em barata – que serve de metáfora para fenômenos psíquicos importantes teorizados no campo psicanálise. Os elementos simbólicos desta narrativa kafkiana conversam de forma especialmente rica com a teoria winnicottiana sobre as raízes e os destinos da agressividade do sujeito. Trata-se de uma produção literária que entra no rol das manifestações criativas que contribuem para a elaboração de vivências reais do humano.

Com este artigo, buscamos retomar a obra kafkiana à luz da teoria psicanalítica de maneira a promover reflexões sobre os sofrimentos de nosso tempo, tão presentes na prática clínica, a partir de uma perspectiva da psicanálise implicada, proposta por Frayze-Pereira, que cita o texto de Freud sobre Moisés como exemplo desta metodologia, em que Freud busca “superpor trabalho de sonho e trabalho de criação, interpretação do sonho e interpretação da obra de arte” (Frayze-Pereira, 2010, p. 79). Nesse sentido, psicanalista e artista trabalham de forma análoga sobre um mesmo objeto, alicerçado de seus respectivos referenciais. A noção de psicanálise implicada surge em contraste com a psicanálise aplicada, que toma a obra como mero objeto de aplicação do método psicanalítico.

A metamorfose de Kafka

A metamorfose conta a história de Gregor Samsa, um caixeiro-viajante que, certa manhã, acorda metamorfoseado em uma barata gigante, como retrata a primeira enunciação do livro: “Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso” (Kafka, 2009, p. 13). Fica desorientado ao perceber a mutação de seu corpo, mas sua maior preocupação ao despertar é cumprir com as obrigações do

trabalho: o trem não poderia esperar. O protagonista mora com seus pais e sua irmã mais nova e é o provedor da casa, suprindo sozinho as necessidades financeiras da família. A existência do personagem parece girar em torno das necessidades alheias, de seus familiares. A questão que fica, entretanto, é: quais são as necessidades do próprio Gregor? Em determinada passagem do livro, transparece a invisibilidade de Gregor no núcleo familiar enquanto sujeito: “Quem tinha tempo de se preocupar com Gregor, mais do que o estritamente necessário, nessa família sobrecarregada e esgotada?” (Kafka, 2009, p. 76). O fio narrativo da história é galgado na desumanização – não somente do personagem principal, mas também das relações familiares que adquirem contornos menos sensíveis. Gregor cumpre diligentemente seu papel de provedor, porém sem encontrar o amparo necessário nas relações familiares para sustentar uma existência autônoma. Assim, Gregor é refém do tempo, com muita pouca ação em uma existência vazia de espontaneidade e sem brechas para rupturas. Subserviência é, talvez, a palavra que melhor representa o elo do caixeiro-viajante com o tempo, o trabalho e as relações pessoais.

A culpa é um afeto dominante em Gregor. Sente-se responsável até mesmo pelos inconvenientes causados ao trabalho e à família por conta de sua inesperada e absurda metamorfose. Não reconhece seu próprio sofrimento, e tampouco sua família o faz. Seu entorno é constituído pela figura autoritária e amedrontadora de seu pai, uma mãe distante e fragilizada, e uma irmã que abandona aos poucos o laço de afeto que mantinha com o irmão, deixando de reconhecê-lo na Barata e passando a desprezá-lo. Gregor mantém-se passivo diante da resposta ambiental ao seu sofrimento, como se sentisse necessidade de se adaptar até ao que deveria ser da ordem do inaceitável, como a violência explícita do pai. A reação da família dá pistas sobre o ambiente que constituiu Gregor desde seu nascimento, e o simbolismo da situação intencionalmente absurda proposta pelo autor radicaliza e escancara os efeitos dessas falhas ambientais.

Como recurso narrativo, o autor utiliza o narrador em terceira pessoa; a onisciência do narrador ilustra o esvaziamento subjetivo do protagonista, cujos monólogos internos são os únicos, dentre todos os personagens, aos quais o narrador tem total acesso, mas nunca chegam ao leitor em primeira pessoa ou em nome próprio. Metamorfosar-se vai se revelando como uma representação simbólica da tentativa de sobreviver e existir em um ambiente que aniquila a capacidade do personagem de fantasiar e desejar. Gregor jamais pode brincar de ser barata: assim, transforma-se em uma. Sua existência é automatizada, alienada às necessidades do outro, desafetada, sem sonhos ou esperança: apenas cumpre os papéis que lhes são designados pelo outro. Mesmo diante das mais severas agressões do ambiente, Gregor não expressa hostilidade como reação ou resposta, nem mesmo como uma forma de se proteger ou se posicionar. A agressividade não faz parte de seu repertório afetivo no campo relacional, ainda que os acontecimentos de sua vida possam convocá-lo a isso.

A teoria psicanalítica desenvolvida por Donald Winnicott oferece conceitos que dialogam com os elementos simbólicos da narrativa kafkiana. Abordaremos alguns deles a seguir.

Winnicott e a agressividade

Considerando a postulação freudiana sobre a natureza ambivalente da íntima relação entre amor e ódio – particularmente em seus estudos sobre o narcisismo – Winnicott teoriza que a

destrutividade é inerente ao amor, caminhando lado a lado em todos os estágios de amadurecimento. No estágio inicial do desenvolvimento emocional do bebê, que Winnicott denomina como estágio de dependência absoluta, a destrutividade se manifesta no apetite pelo sugar o seio e de outras atividades sensório-motoras decorrentes dos estados excitados. Entretanto, o autor enfatiza que tal ação não pode ser caracterizada, de fato, como “agressividade” por não haver intencionalidade por parte do bebê, representando mera manifestação de sua vitalidade e impulsividade. Ainda assim, Winnicott afirma que a mãe pode interpretar esses atos como agressões, e sua sobrevivência aos ataques do bebê (morder o seio, puxar o cabelo, arranhar), suportando-os sem retaliação, é fundamental para que este consiga fazer a passagem do que ele denomina “objeto subjetivo” – material de projeção e característico do estágio de dependência absoluta – para o “uso do objeto”, que marca o estágio seguinte, denominado dependência relativa. No estágio de dependência relativa, há uma aproximação da realidade externa, que sai do controle onipotente do bebê e ganha uma existência autônoma. Esse movimento possibilita uma separação entre eu e não-eu, e as manifestações de agressividade ganham sentido e intencionalidade. Para Winnicott, “a agressão está sempre ligada ao estabelecimento de uma distinção entre o que é *eu* e o que é *não-eu*” (Winnicott, 1964d, p. 98), demarcando, portanto, a constituição da realidade externa. Desta forma, serão esses os alicerces psíquicos para que o sujeito se insira na cultura, que contempla a realidade externa compartilhada, podendo vivenciar e tolerar a ambivalência entre amor e ódio – inclusive, os seus próprios. A sobrevivência do objeto aos ataques do bebê cria as condições para que o indivíduo seja capaz de destruir os objetos da realidade externa em sua fantasia inconsciente, como forma de elaborar e direcionar seus impulsos destrutivos para a criatividade e a capacidade de amar – ou seja, vincular-se ao outro.

Depressão e agressividade possuem uma estreita relação no pensamento winnicottiano. Para o autor, há valor na depressão, já que a capacidade de se deprimir está intimamente relacionada ao amadurecimento, à integração e força do Eu. Winnicott defende que a depressão se torna patológica quando há falhas ambientais nas fases que o autor denomina de desenvolvimento primitivo, não deixando de expressar uma lente de saúde frente ao sofrimento. Como vimos, para o psicanalista inglês, saúde e doença estão intimamente relacionadas às conquistas do bebê da unidade psicossomática que derivam dos estágios de amadurecimento. As dificuldades de integração podem resultar em um Eu fragilizado ou em uma falsa integração (*Falso-Self*), tornando as experiências do sujeito mais opacas e o seu senso de existência comprometido. Nos casos da chamada defesa *Falso-Self*, em que há um Eu constituído de maneira frágil e rígida, Winnicott reconhece a existência de uma potência e uma expressão de saúde no humor deprimido, na tentativa de encontrar um modo de existência mais espontâneo e verdadeiro. Tais falhas ambientais fazem com que a agressividade pessoal se torne difícil de tolerar, já que pode trazer ameaças de desintegração. Desse modo, um Eu fortalecido e uma união consistente entre a psique e o soma contribuem para que os impulsos agressivos do sujeito encontrem amparo e possam ser suportados com responsabilidade e segurança. O sujeito é, assim, capaz de encontrar conciliações possíveis entre suas pulsões destrutivas e a realidade social, o que lhe traz mais criatividade e menor sofrimento.

A ambivalência alcançada no amadurecimento será uma experiência também na fantasia, no próprio corpo, se estendendo às relações humanas. Quando a submissão e a rigidez tomam

conta do *Self*, trazendo a sensação de irrealidade, o brincar do bebê possui a marca estereotipada, não criativo e pouco significativo quando compartilhado com outros semelhantes. Assim, o sujeito precisa poder destruir o objeto na fantasia; para Winnicott, a não aceitação da agressividade em si é um fator decisivo para o adoecimento psíquico. Seu reconhecimento será importante para que, nos estágios seguintes de amadurecimento, o bebê consiga manejar a culpa, a depressão e se responsabilizar, podendo reparar quando necessário.

Em suma, a teoria winnicottiana traz à baila a importância do ambiente, que é composto pelas figuras cuidadoras mais próximas e essenciais no processo de constituição do aparelho psíquico desde os estágios iniciais do desenvolvimento. O bebê, portanto, depende e apoia-se no ambiente para desenvolver certos recursos psíquicos mais sofisticados. Quando isso não acontece, o indivíduo precisa recorrer a outros mecanismos psíquicos para sobreviver psiquicamente, estabelecendo defesas mais primárias.

A (des)integração de Gregor

Na obra de Kafka, o ambiente revela-se como profundamente violento a Gregor, que é incapaz de reagir, enrijecendo-se e deprimindo-se. A mãe de Gregor se apresenta como uma figura frágil, incapaz de oferecer continência aos excessos de excitação psíquica ou reconhecer qualquer manifestação autônoma de seu filho como válida. Essa incapacidade da mãe de sustentar a agressividade e não adaptabilidade do filho se revela, por exemplo, na passagem da arrumação do quarto, em que a mãe vislumbra “a gigantesca imagem marrom” (Gregor-Barata) em cima do quadro da dama vestida de pele, imagem que ele não queria se desfazer, e desmaia. Precisou que Greta, irmã de Gregor, a reanimasse com uma forte essência: “‘Tu, Gregor!’ – exclamou a irmã de punhos levantados e olhar ameaçador. Desde a metamorfose eram essas as primeiras palavras que a irmã endereçava diretamente a ele” (Kafka, 2009, p. 66).

Se a mãe não suporta a imagem de Gregor-Barata, que lhe causa até desmaios, seu pai o trata com violência, ataques constantes e nenhum sinal de afeto: “(...) sabia já desde o primeiro dia de sua nova vida que o pai, em relação a ele, considerava adequada apenas a severidade máxima” (Kafka, 2009, p. 70). Aqui, a não adaptabilidade de Gregor não encontra formas de expressão, um lugar em que possa experimentar suas pulsões e as novas imposições do corpo. O que poderia ser interpretado como um gesto espontâneo é tido como ameaçador pela mãe e rechaçado pelo pai, apesar de ser Gregor quem é ferido e machucado:

nenhum dos pedidos de Gregor adiantou, nenhum dos pedidos sequer foi atendido; e quanto mais inclinava a cabeça mostrando-se humilde, tanto mais forte o pai sapateava no chão. Do outro lado a mãe havia escancarado uma janela apesar do frio que fazia e, curvada para fora, com o corpo praticamente todo inclinado para o lado externo, comprimia o rosto com as mãos [...]. Inexorável, o pai o empurrava para trás emitindo silvos como se fosse um selvagem. (Kafka, 2009, p. 40)

O trecho revela a ausência de vitalidade ou qualquer gesto espontâneo de Gregor-Barata. O ambiente não responde à sua tentativa de integração: ignora a potência de sua metamorfose. Assim,

o caixeiro-viajante não se sente real, estranha suas novas formas. Em algumas passagens vemos vislumbres de um ódio que surge com sede de expressão, mas, antes de se tornar ação e poder se manifestar, é direcionado a si mesmo:

Logo depois voltava a não ter a mínima disposição para se preocupar com a sua família, apenas sentia ódio pelos maus tratos a que era submetido e, apesar de não conseguir imaginar algo que pudesse lhe despertar o apetite, fazia planos para invadir a dispensa, para ali pegar tudo o que lhe era devido, ainda que não tivesse fome. (*ibid.*, p. 78)

O ambiente da Barata e seus efeitos

No enredo kafkaniano, a metamorfose de Gregor em um inseto monstruoso dá forma, em seu corpo, às suas fantasias destruidoras, cuja expressão na realidade é impensável para o personagem: “(...) num espaço em que Gregor dominasse sozinho as paredes vazias, com certeza nenhuma outra pessoa a não ser Greta teria coragem de entrar” (Kafka, 2009, p. 63). O artifício do escritor em trazer como realidade possível algo tão tenebroso e absurdo como a transformação de um ser humano em barata gera, para o leitor, o estranhamento e a angústia que marcam as relações de Gregor com os objetos da realidade externa. Gregor vive em função da demanda alheia e apresenta dificuldade em integrar a agressividade em si mesmo. Ao acordar, pensando imediatamente nas obrigações de trabalho, chega a pensar sobre seu desconforto com a profissão e, em particular, seu exigente chefe, retratando-se consigo mesmo em seguida: se não fosse por seus pais, que precisam que ele mantenha seu emprego, já teria pedido demissão. Mas seu monólogo interno revela que isso jamais sai do pensamento de Gregor, e suas ações contrariam qualquer desejo de posicionar-se diante dos abusos do outro. Sua própria profissão de caixeiro-viajante reflete esse mecanismo: está sempre precisando se adaptar ao exterior. As viagens cansativas o levam para destinos que não pôde escolher, assim como ele não escolhe uma posição subjetiva na vida, vivendo em função da demanda alheia. Até que, um belo dia, seu corpo se transforma: um abominável inseto se torna sua imagem para o mundo. Uma manifestação somática de todas as atrocidades que Gregor não externaliza, talvez?

Winnicott teoriza que a integração entre psique e soma está relacionada à depressão, já que a agressividade direcionada ao Eu pode impactar o corpo ao esvaír a sua vivacidade. É no estágio de dependência absoluta que ocorre o alojamento da psique no soma, ajudando a constituir a personalidade e a identidade do sujeito. Conforme Gregor vai seguindo com sua vida em casca de barata, lidando com as reações violentas do ambiente, vemos esse processo acontecer com o personagem que, aos poucos, passa a ter menos apetite, restringir seus movimentos e respirar mais devagar, até que se aproxima da morte. Gregor se deprime como uma última tentativa de retirar-se do mundo hostil que o cerca.

A desvitalização de Gregor com semblante de *Falso-Self* porta em seu sintoma falhas ambientais que levam o jovem caixeiro-viajante a ter dificuldade em integrar suas pulsões. A cisão de Gregor vem por meio do terror corporal. Sendo uma barata monstruosa que encarcera um homem culpado e frágil, a dicotomia é clara. Ainda que pareça da ordem de uma existência in-

suportável, Winnicott nos ajuda a direcionar para o sinal de saúde por trás do desespero de uma existência que mais parece um pesadelo. Posto isso, se analisarmos a narrativa com cuidado, perceberemos que a submissão e a captura pelo outro, refletidas em uma adaptabilidade extrema de Gregor, também representam uma tentativa de liberdade:

Tinha de fato vontade de mandar que seu quarto fosse, aquele quarto morno, confortavelmente instalado com móveis herdados, fosse transformado em uma toca, na qual ele poderia se arrastar com liberdade em todas as direções, sem ser perturbado, mas pagando o preço de esquecer de modo simultâneo, rápido e completo o seu passado humano? (Kafka, 2009, p. 62)

No trecho a seguir, percebemos que Gregor consegue alcançar o estágio de depressão próprio do desenvolvimento, já que se preocupa e se responsabiliza pelo efeito de suas ações e agressividade no outro:

Gregor agora estava separado por uma tranca da mãe, que por culpa dele talvez estivesse próxima a morte; a porta ele não deveria abrir, caso não quisesse afastar a irmã, que tinha ficar junto da mãe; ele não tinha nada a fazer de momento a não ser esperar; e acossado por autocensuras e apreensão, começou a rastejar, rastejou por tudo, paredes, móveis e teto da sala até cair, enfim – dominado pelo desespero, ao sentir que o aposento inteiro começava a girar em volta dele –, sobre o meio da grande mesa. (Kafka, 2009, p. 67)

Compreendendo que a depressão, para Winnicott, é uma forma de regressão psíquica que reflete a tentativa do sujeito de retornar às fases iniciais da vida em que ocorreram falhas ambientais nos âmbitos de segurança e confiabilidade, pode-se afirmar que estaria atrelada à saúde em uma busca de cura, ao visar a continuação do amadurecimento. Um dos caminhos interpretativos possíveis seria refletir que se tornar barata é uma tentativa de integrar partes desconjuntadas de seu *Self*, partes que compõem seu *Verdadeiro-Self* (gesto espontâneo e impulsos pessoais genuínos). Desse modo, percebemos um sinal de saúde na desvitalização de Gregor ao se transformar em barata, como maneira de encontrar as raízes da sua agressividade, integrá-la e, assim, alcançar uma existência mais verdadeira. O seu exoesqueleto, assim, seria uma “prótese” do seu Eu que busca integração.

Outras contribuições teóricas

Uma noção teórica complementar para um entendimento dos efeitos do trauma sobre o psiquismo que nos ajuda a refletir sobre o artifício criativo utilizado por Kafka para representar as angústias mais profundas de Gregor, derivadas daquilo que é da ordem do irrepresentável, é o conceito de identificação com o agressor do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi. É pouco difundido o fato de que Winnicott bebeu consideravelmente da fonte teórica ferencziana, muito por conta de divergências políticas no campo psicanalítico que levaram a uma “morte pelo silên-

cio” do autor, como relata Daniel Kupermann (2019), que fez com que suas obras deixassem de ser traduzidas e comentadas durante décadas. Winnicott teve acesso à obra ferencziana através de Michael Balint, sobrinho de Ferenczi, e estudiosos de suas produções teóricas poderão notar muitas convergências entre o pensamento de ambos – algumas aparentemente inspirações diretas, especialmente porque Ferenczi inaugura, no campo psicanalítico, um modo de pensar as relações intersubjetivas e os efeitos do ambiente sobre o psiquismo que foi amplamente explorado por Winnicott, com suas próprias conceituações. Ambos se dedicaram ao desafio de realizar o trabalho psicanalítico com sujeitos que não se enquadravam nos quadros clássicos de neuroses. Nas palavras de Luiza Moura:

Ferenczi e Winnicott se dedicaram aos infantes, enfants, *infans*; os ‘sem fala’, que não são compreendidos ou não são ouvidos; cuidaram daqueles que sofrem por terem uma voz imposta, uma voz forjada, aqueles submetidos a confusões terríveis. (Moura, 2021, p. 23)

A identificação com o agressor proposta por Ferenczi diz respeito a uma resposta do psiquismo a um evento que não encontra possibilidades de elaboração e, portanto, resulta em um trauma psíquico. Kupermann (2019) postula três tempos do trauma a partir das contribuições de Ferenczi: o tempo do indizível, em que ocorre o choque gerado por um evento na infância que causa um excesso de excitação psíquica incapaz de ser representado; o tempo do testemunho, em que a criança que vivencia o choque busca a figura de um adulto que possa oferecer recursos para tal elaboração; e o tempo do desmentido, em que este segundo adulto é incapaz de oferecer caminhos de elaboração da situação vivida, negando e desautorizando a experiência dolorosa relatada (com respostas como “não foi nada demais”, “é mentira”, “você imaginou”, etc.) Sublinha Ferenczi:

O pior é realmente o desmentido, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo se espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática dos pensamentos ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico. (Ferenczi, 1931/1992, p. 79)

Diante dessa recusa, Ferenczi teoriza que o sujeito pode sofrer uma clivagem narcísica, fragmentando seu Eu em partes que não se comunicam e isolam a compreensão racional dos acontecimentos da vivência afetiva destes; uma das possíveis consequências desse processo seria a identificação com o agressor, que Kupermann resume da seguinte maneira:

A identificação com o agressor caracteriza uma operação na qual a ameaça externa torna-se intrapsíquica, o que permitiria à criança retomar (imaginariamente) o controle sobre a situação intolerável e, mesmo, o resgate da situação de ternura anterior, desautorizando as percepções relacionadas à agressão sofrida. (Kupermann, 2019, p. 74)

Um dos desdobramentos mais desfavoráveis ao sujeito é a incapacidade de confiar em seu próprio testemunho das situações vividas por ele. São sujeitos que tendem a questionar, negar e não reconhecer o aspecto doloroso de suas experiências mais violentas, buscando a confirmação da veracidade dos fatos em outrem. Diante da resposta virulenta do ambiente à sua transformação em barata, Gregor é incapaz de reconhecer tanto o horror ao qual está aprisionado quanto a potência de sua metamorfose, ilustrando o triunfo da identificação com o agressor sobre o sujeito, que agride e pune a figura do agressor introjetada, portanto agredindo e punindo a si mesmo em vez do objeto da realidade.

A relação que Gregor estabelece com os alimentos é um dos reflexos desse mecanismo. Recorrendo novamente ao pensamento de Winnicott, constatamos exemplos clínicos que ilustram distúrbios de alimentação como uma reação de repúdio frente à imposição do ambiente que não reconhece a necessidade do bebê, podendo aparecer no lactente ou em períodos posteriores do desenvolvimento. Os dentes e o mastigar não entram em acordo com a agressividade, trazendo problemas inerentes à alimentação e à digestão. Assim, o enredo conduz o leitor a acompanhar esta espécie de definhamento de Gregor; o peso das palavras do texto kafkiano ao descrever esse processo reflete o universo interno de Gregor, prestes a render-se à aniquilação real, que é sentida pelo leitor.

Há uma denúncia de Gregor sobre as formas de relações que, entretanto, é encoberta pela defesa predominante de *Falso-Self*, ocultando as partes mais genuínas, desenvoltas e relacionadas aos valores primordiais. Destaca-se que, na organização defensiva do *Falso-Self*, os impulsos agressivos são sentidos como ameaçadores ao frágil Eu, não favorecendo o sentimento de sentir-se real e estar vivo, abafando a espontaneidade e a criatividade do sujeito, que dá lugar à submissão consentida. No livro, Gregor imagina que faz a família sofrer, dando a impressão que a única saída é deixar de existir, colocando fim à própria vida. Seu próprio sofrimento não é levado em conta, nem se reivindica seu reconhecimento. Como temos desenvolvido, Gregor não possui uma integração satisfatória, que interfere na experiência de continuidade, predominando a adaptação. Não por acaso, sua casca (exoesqueleto) simboliza a rigidez das trocas com o mundo, sua pouca porosidade não lhe permite reconhecer e validar aquilo que sente e percebe.

E agora?, Gregor perguntou a si mesmo e olhou a escuridão a sua volta [...] A maçã podre em suas costas, assim como a região inflamada em volta dela, que estava inteiramente coberta por uma poeira leve, quase não o incomodava mais. De sua família, ele se recordava com amor e comoção. Sua própria opinião de que deveria desaparecer era, talvez, ainda mais decidida do que a da irmã. Permaneceu nesse estado de reflexões vazias e pacíficas até que o relógio da torre bateu três horas da madrugada. Ainda vivenciou o início do alvorecer geral do dia lá fora, além da janela. Em seguida, sem que ele o quisesse, sua cabeça inclinou-se totalmente para baixo e das suas ventas brotou, fraco, o último suspiro. (Kafka, 2009, p. 96)

Quando não se constitui o sentimento de se sentir-se real e que a vida vale a pena ser vivida, a predominância das defesas *Falso-Self* corrobora com a falta de sentido, reagindo às imposições da realidade externa, esvaziando qualquer vislumbre de vitalidade. Decidir se entregar à fome,

dando fim à sua vida, pode ser entendido como sequência da adaptabilidade excessiva – ou seja, Gregor, inferindo que a família deseja se livrar dele, acaba se submetendo uma última vez. Morrer, aqui, não é censurável, mas desejável.

Limitações relacionais, mutações e mortes em vida

Quantos “Gregor Samsa” os psicanalistas não recebem em seus consultórios? Com quantos sujeitos não nos deparamos que se apoiam em frágeis cascas de si mesmos, submetendo-se às demandas alheias de forma maciça e sufocando qualquer possibilidade de existência autônoma e criativa? Mas que, ainda assim, nos procuram e muitas vezes persistem no tratamento, revelando a fagulha de *Verdadeiro-Self* que os permite contemplar a possibilidade de uma existência mais livre.

Em tempos em que a imagem externa atropela os sujeitos em sua autopercepção, inibindo um mergulho mais profundo em seus universos internos e deslocando suas angústias para ideais físicos inatingíveis, é atroz o sofrimento na busca pela “casca” perfeita, empobrecendo cada vez mais o alicerce simbólico desses indivíduos. Essa ruptura de percepção nos apresenta sujeitos que se mutilam e matam em vida, como Gregor, arrastando-se pelos cômodos da vida e submetendo-se aos mais diversos tipos de ataque e violência com complacência.

Como constatou Winnicott, e mesmo Ferenczi, estes não são sujeitos que representam o modelo neurótico clássico que levou Freud a desenvolver a técnica psicanalítica. O universo simbólico empobrecido desses sujeitos atravança sua associação livre e sua submissão extrema ao outro gera desafios transferenciais, que exige dos analistas um manejo menos ortodoxo. A obra de Kafka nos presenteia com um repertório simbólico capaz de auxiliar o analista a *sonhar* o universo interno desses pacientes, metaforizando aquilo que nunca pôde ser plenamente inserido na linguagem para que, enfim, ao longo da jornada de sua análise individual, eles possam se libertar das amarras de suas defesas mais primárias a fim de construir a capacidade de estabelecer vínculos mais saudáveis com o mundo ao seu redor.

Referências

- FERENCZI, S. Análise de crianças com adultos (1931). In: FERENCZI, S. [Autor], Obras completas, v. 4. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRAYZE-PEREIRA, J. A. *Arte, dor: inquietudes entre estética e psicanálise*. Cotia: Ateliê editorial; 2010.
- KAFKA, F. *A metamorfose*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- KUPERMANN, D. *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoní, 2019.
- MORAES, A. A. R. E. DE. *Depressão na obra de Winnicott*. São Paulo: DWW, 2015.
- MOURA, L. *Ferenczi e Winnicott – Análise de adultos na língua da infância*. 3ed. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2021.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1982.
- _____. *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.
- _____. *The Piggle: o relato do tratamento psicanalítico de uma menina*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

- _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- _____. *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. 1964d: Raízes da agressão, in WINNICOTT, D. W. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Textos selecionados – da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.